

2007/02/24

COMO PODE SER CARACTERIZADA A ACÇÃO DA AL QAEDA NA MATRIZ DA GUERRA SUBVERSIVA (II PARTE)

Serrano, Custódio, Valente, Leal e Alves

SECÇÃO III – GUERRA SUBVERSIVA

“Este é outro tipo de guerra, novo na sua intensidade, antigo nas suas origens – guerra de guerrilha, subversiva, insurreição, assassinio; guerra de emboscada, em vez de combate; por infiltração em vez de agressão, procurando a vitória pela erosão e exaustão do inimigo...Para o combater exige um tipo de estratégia completamente novo, um tipo de força diferente, e portanto um novo e diferente tipo de treino militar.” *John F. Kennedy*

1. O que é a Subversão?[1]

A subversão é uma luta política, armada e organizada, prolongada no tempo, cujo objectivo é derrubar uma ordem existente[2]. A conquista do poder através de um golpe revolucionário nem sempre é o objectivo final. Em alguns casos, o objectivo da subversão é mais limitado e apenas pretende o afastamento do governo vigente e o estabelecimento de um estado autónomo, ou a alteração da ordem social e correcção das injustiças sentidas, ou ainda obter concessões políticas inatingíveis por outros meios menos violentos. Salvo excepções pontuais, os movimentos subversivos têm em comum o uso da violência contra o poder estabelecido. É normalmente exercida contra um sistema governamental, um partido no governo, uma ocupação colonial, uma ordem religiosa ou uma ordem social.



A subversão nasce normalmente como resposta a um intenso descontentamento e insatisfação com a realidade política e social existentes. Este sentimento pode, inicialmente, residir apenas em determinadas classes sociais ou elites políticas, que o tentam estender à população em geral. O momento ideal para estes líderes conseguirem na população o apoio imprescindível para o desenvolvimento da sua causa, verifica-se quando esta julga que o seu descontentamento não é escutado pelo poder actual. Quanto mais claras e convincentes forem as suas palavras, maior será a adesão de novos membros e a sua identificação com a ideologia da causa. É a ideologia que justifica o uso da violência e os inspira a enfrentar o perigo. Esta ideologia pode ser de cariz política, religiosa, social ou uma combinação das mesmas.

Normalmente a subversão começa com meios muito escassos, mas ao evitar, inicialmente, o confronto directo com as forças do governo, reduz-se o risco de aniquilação. A angariação de apoio é, assim, fundamental para o crescimento do movimento. O apoio à causa deverá ser considerado como a estratégia inicial de todas as subversões e deverá ser obtido dentro e fora do território. Inclui 4 tipos[3]:

- Apoio em recursos – incluindo meios financeiros, armamento, alimentação, aconselhamento político e treino;
- Apoio político – promovendo o debate nacional e internacional da causa e efectuando o aconselhamento político;
- Apoio moral – apoia moralmente as acções da subversão e legitima-as, classificando-as de justas e certas;
- Apoio na disponibilização de locais seguros – permitindo o treino, instalações e base seguras (santuários) para as operações.

Após os líderes angariarem a quantidade de recursos suficientes, podem iniciar a acção operacional. Os subversivos tentam enfraquecer a legitimidade do poder estabelecido e tornarem-se eles próprios legítimos aos olhos da população. Geralmente, levam a cabo acções esporádicas contra alvos governamentais para mostrar ao povo a impotência do poder. Estes pequenos ataques são inicialmente simbólicos, mas suficientes para demonstrar a incapacidade do poder estabelecido, em fazer face ao movimento e assim atrair mais membros para a organização, permitindo o seu crescimento. Com o decorrer do tempo, a organização fica mais forte e as suas

acções mais sofisticadas e, simultaneamente, o governo fica mais debilitado. Esta situação chega a uma fase crítica, na qual os subversivos estão aptos a efectuarem um confronto directo com o governo, numa batalha convencional, para tomarem o poder. De referir que o tempo que medeia entre o início do movimento e a confrontação directa pode demorar anos ou mesmo décadas, mas é unânime que o tempo é um forte aliado do movimento subversivo. A sobrevivência começa por ser a grande vitória da subversão.

2. Fases da Subversão

A distinção evolutiva em períodos e fases da subversão não é pacífica, existindo algumas diferenças entre os estudiosos portugueses e a doutrina americana, fortemente baseada em Mao Tsé-Tung. Pensamos que qualquer das correntes de pensamento possui experiência suficiente neste campo para que possa legitimamente opinar, mas iremos optar pela abordagem portuguesa, analisando apenas brevemente a doutrina americana. No Anexo A apresenta-se uma matriz comparativa das diferentes correntes de pensamento, tentando estabelecer uma correspondência entre as mesmas.

Assim, para a doutrina americana, elaborada pelas Forças Especiais do Exército dos EUA, responsáveis pelas operações de subversão do Departamento de Defesa dos EUA, o processo subversivo divide-se em 3 fases[4]. O FM 3-05-201 retrata este problema nas suas vertentes operacionais. Esta publicação não é ímpar quanto ao faseamento da subversão. Várias publicações americanas dos anos 80 e 90 já o referiam, incluindo o FM 90-8 Operações de Contra guerrilha (1986), o FM 100-20 Operações Militares em Conflitos de Baixa Intensidade (1990) e o FM 7-98 Operações em conflitos de Baixa Intensidade (1992). As 3 fases são denominadas de Latente e Incipiente[5], Luta de Guerrilha[6] e Guerra de Movimento[7]. Na verdade, talvez pelo estigma da ideologia comunista de Mao Tsé-Tung, estas 3 fases são apenas renomeações das fases apresentadas por Mao Tse-Tung como Estratégia Defensiva, Consolidação Estratégica e Estratégia Ofensiva. Estas 3 fases de desenvolvimento correspondem a 7 fases operacionais, descritas no Anexo A.

Para a doutrina portuguesa, de onde se destaca o General Cabral Couto e a Comissão para o Estudo das Campanhas de África, a subversão tem 2 períodos e 5 fases[8]. Os períodos denominam-se de Pré-insurreccional e Insurreccional. No primeiro podemos distinguir 2 fases, a fase da Preparação e a da Agitação. O segundo período compreende as fases; Armada, a de Estado Revolucionário e a Final.

Assim, no primeiro período, o período pré-insurreccional, o recurso à violência armada não tem carácter expressivo. É neste período que a subversão é mais débil e vulnerável, pois ela é geralmente criada do nada. É necessário ganhar tempo para expandir e fomentar a organização. Desta forma, a violência é limitada apenas à estritamente necessária para a sobrevivência da causa, não se pretendendo chamar a atenção do poder instituído.

No início do período pré-insurreccional encontramos a fase preparatória. É nesta fase que a organização é criada, sobressaindo os seus líderes pela capacidade de congregarem vontades, de acordo com a linha estratégica por eles delineada. Os líderes focalizam inicialmente a sua actividade em dois aspectos distintos: na sua estrutura interna e na população. É esta associação, ainda sigilosa, que permitirá a expansão da organização, através das operações psicológicas.

Na fase que se segue, a da Agitação, a rede de influência sobre a população é já elevada e possibilita acções de agitação social através de greves e boicotes. A criação na população de um sentimento de descontentamento contra o regime, mostrando que este não consegue resolver os seus problemas e, simultaneamente, tentando minimizá-los, é a chave para o sucesso desta agitação. A criação de uma rede de informação e contra-informação através da infiltração em organizações governamentais e outras de importância relevante, a procura de apoio interno e externo, e a preparação psicológica da população para a luta contra o opressor, constituem outras das acções tidas como mais relevantes.

A transição para o período insurreccional, iniciada pela fase armada, dá-se quando a população já aderiu à causa e esta já tem capacidades bélicas suficientes. Na fase armada existe a conjugação de acções militares e não militares que destroem as capacidades do governo. No domínio militar as acções visam os recursos, os símbolos e a representatividade do regime. Os assaltos e golpes de mão da guerrilha contra instalações governamentais, os seus líderes, as forças do regime, a polícia e as forças armadas, tornam-se comuns. Estas acções são agora deliberadamente visíveis e muito agressivas mantendo, contudo, um equilíbrio entre a posse de terreno e a manobra. São feitos esforços para obter o controlo de partes da população, nomeadamente em áreas onde a influência do regime é fraca, devido à dificuldade das suas forças em operarem nesses territórios tais como, florestas, montanhas ou mesmo áreas urbanas. É a partir destas áreas, que constituem as suas

bases de apoio, que são projectadas as unidades da guerrilha. Os seus ataques rápidos e limitados caracterizam-se pela surpresa, pela inovação e pelo uso de informação actualizada e eficaz. Os líderes têm sistematicamente de se decidir pela fuga ou pela luta, como manobras possíveis. A capacidade da guerrilha é, nesta fase, já eficaz mas ainda não o suficiente para conseguir manter a posse de territórios extensos ou de efectuar acções decisivas. Na componente não militar, a máquina política da subversão também está em movimento. São desenvolvidas actividades económicas e de propaganda, nomeadamente através do envolvimento da população na agitação política e social, tentando paralisar as capacidades do regime e estabelecer estruturas político-administrativas.

Na fase que se segue, a do Estado Revolucionário, as forças da subversão com uma organização militar e potencial de combate que já lhe permitem efectuar pequenos combates convencionais, tentam forçar o regime a escolher entre defender o que conhece – as suas infra estruturas, os símbolos e a representatividade e atacar o que desconhece – um inimigo móvel e praticamente invisível, capaz de desaparecer no meio da população, usando este trunfo quando o combate não lhe é favorável.

Como as capacidades da guerrilha continuam em expansão e, simultaneamente, os recursos do regime começam a ser escassos para as suas necessidades de defesa, as operações ofensivas de contra-insurreição mostram-se ineficazes e começam a ser questionadas. Segundo Sun Tzu, “o regime que quer defender em todo o lado, não defende em lado nenhum”[9].

A organização política da resistência constitui um governo sombra em diversas áreas do território, tendo capacidade de administrar as necessidades da população em termos de segurança, saúde, educação e mesmo justiça. O sucesso na fase de estado revolucionário permite a passagem para a derradeira fase, a fase Final.

A fase Final da subversão encontra o regime a caminhar rapidamente para a exaustão devido à necessidade de ter de continuar a administrar o seu território conjuntamente com o esforço desenvolvido na frente de batalha, dos danos psicológicos daí resultantes e do possível isolamento internacional. Por outro lado, a subversão continua a atrair cada vez maiores apoios, possibilitando-lhe a prossecução da sua ofensiva. A confrontação directa entre as forças da subversão e as forças do governo é agora possível e desejável, pois o Exército do regime está exausto e desmoralizado. Contudo, continuam ainda as operações típicas das fases antecedentes, para minar a população com os ideais da causa e criar nas forças do regime um crescente sentimento de incerteza no desfecho final e consequente desmoralização, tentando assim criar as condições necessárias ao seu colapso.

SECÇÃO IV – ENQUADRAMENTO DAS ACÇÕES DA AL QAEDA NA MATRIZ DA GUERRA SUBVERSIVA

1. Subversão global

Até ao aparecimento da Al Qaeda, estávamos habituados a conceber a subversão como fenómeno essencialmente interno de um estado, ou tendo como máxima extensão geográfica, uma região. A Al Qaeda veio tornar obsoleto este conceito da regionalização da subversão, sendo considerada, por alguns autores, como uma forma emergente de subversão Islâmica à escala global. [10]

2. Objectivo

Como vimos, a subversão visa alterar as estruturas do poder instituído, derrubar um governo, alterar a ordem social ou corrigir as injustiças sentidas.

Numa obra do jornalista paquistanês Ahmed Rashid[11], é espelhado o objectivo de organizações islâmicas radicais como a Al Qaeda. Todas elas pretendem a criação do Califado, ou seja, um único estado islâmico com um sistema político de união indissolúvel entre o Estado e a religião, cujas leis são sagradas e cujas normas rígidas devem ser obrigatoriamente e escrupulosamente seguidas.

Para o Dr. Stephen Biddle[12], o objectivo da Al Qaeda, é separar o Islão das influências do mundo ocidental, nas suas vertentes político, religiosa e cultural. O grupo é radical e separatista, procurando preservar uma moral e religião puritanas de índole fundamentalista Islâmica. Esta ideologia separatista entra em colisão com o actual modo de vida ocidental e por isso procura isolar-se das influências nefastas desta cultura. Para tal é necessário eliminar as tentações do ocidente, para que os fiéis possam servir plenamente Alá. Desta forma, a estratégia planeada foi expulsar toda a presença ocidental da península arábica.

Assim, parece consensual, entre vários autores e jornalistas, que o objectivo da Al Qaeda é a restauração do estado islâmico “Califado” no Mundo, pela *Jihad*. É em nome desta restauração do

primado absoluto do Corão e ensinamentos do Profeta, que mobilizam os recursos humanos indispensáveis para a consecução do seu objectivo. Podemos pois afirmar, que a Al Qaeda é um partido político armado e a facção extremista de uma religião política. [13]

3. Motivo [14]

A ideologia, também popularmente designada de causa, desempenha um papel fundamental numa subversão. É esta que possibilita a criação de líderes, terroristas e mártires, indispensáveis ao crescimento do movimento. Para o jornalista Ali Kamel, a Irmandade Muçulmana, criada em 1928 por Hassan Al-Banna, lançou as bases teóricas do terrorismo islâmico contemporâneo, ao estabelecer que é obrigação de todo muçulmano lutar, sem medo da morte, para que o islamismo volte ao idealizado estado de pureza dos tempos do Profeta. Com o slogan "a morte na luta por Deus é a nossa grande esperança", o objectivo do grupo era reviver o Califado, com a reunião de todas as nações muçulmanas reconvertidas. Mas tudo isso iria mudar ainda na década de 50, com a aparição de Sayyid Qutb, principal ideólogo da Irmandade, depois do assassinato de Al-Banna, pelos agentes secretos do governo egípcio. Na verdade, foi Qutb quem lançou as bases para uma *Jihad* mundial, hoje principal objectivo de bin Laden e da Al Qaeda.

4. Manobra Subversiva

Os subversivos efectuam ataques não convencionais e indirectos, tentando destruir a legitimidade e os apoios do inimigo, colocando-o numa postura defensiva. Misturam-se com a população envolvente, normalmente operando a partir de santuários e através de campanhas prolongadas, retirando daí vantagem.

Também sob este aspecto, a Al Qaeda é semelhante aos movimentos de subversão. Osama bin Laden tem mobilizado militantes com elevado grau de sucesso, aproveitando a presença do Exército americano na Arábia Saudita, desde a Guerra do Golfo. Muitos dos jovens radicais islâmicos acharam este motivo suficiente para abandonarem as suas famílias e militarem em campos de treino com o objectivo em mente de passarem à acção.

Os ataques não são dirigidos aos governos ocidentais, mas procuram abalar a vontade dos seus povos em manterem presença nesta região e, simultaneamente, tentam cativar simpatia para a causa. Em resumo poderemos afirmar que os ataques têm um duplo objectivo: influenciar a política dos seus inimigos e mobilizar o mundo islâmico.[15]

Até à presente data, as operações da Al Qaeda tem tido um carácter não convencional e têm incidido sobre alvos governamentais e civis com o objectivo de criar instabilidade e enfraquecer a confiança política dos seus inimigos. As actuais doutrinas identificam 2 estratégias de subversão: mobilização de massas e acções armadas (meio rural ou urbano). A Al Qaeda tem utilizado a guerrilha urbana para as suas operações, e o meio rural como fonte de recrutamento para as suas fileiras. Tendo como referência os efectivos estimados, referidos anteriormente, e a sua dispersão, poderemos afirmar que esta organização possui características de um movimento subversivo em larga escala[16].

5. Fases e períodos

O período pré-insurreccional gira em torno da criação de um movimento político e da criação do grupo militar, através do recrutamento de elementos da população. As operações nesta fase caracterizam-se pelas tentativas de expansão do grupo militar e por actos terroristas, tais como assassinatos e sabotagens, contra as forças do regime.

No Iraque, esses movimentos foram espontâneos, resultantes da ofensiva americana para derrubar Saddam Hussein e os seus fiéis[17]. Aí existem quatro grupos militares subversivos distintos. Os denominados "Sunni Muslim Arabs", formam um grupo constituído à base de Sunitas. Outro grupo, de base Xiita, representa a maioria da população do Iraque. Os curdos iraquianos do movimento denominado "Ansar al-Islam fi Kurdistan" formam o terceiro grupo, contudo, o número de ataques armados contra as forças da coligação, ainda não tem expressão. Por último, mas não menos agressivos, existem os chamados terroristas ou subversivos estrangeiros, constituídos à base de elementos radicais islâmicos independentes, vindos de países da região da península arábica. Actualmente as forças da coligação enfrentam, no Iraque e no Afeganistão, os movimentos subversivos na fase armada, conforme se conclui da análise da tabela em Anexo B.

6. Tempo

O tempo é, normalmente, um aliado da subversão. Quanto mais tempo a subversão conseguir persistir, maiores as suas possibilidades de sucesso[18]. A História isso tem demonstrado.

Na Secção V do presente trabalho demonstra-se que a Al Qaeda tem uma estratégia de longo prazo, que pretende executar de forma metódica e paciente.

7. População

Ao contrário da guerra convencional, onde o centro de gravidade é o inimigo, infra-estruturas económicas, estados ou alianças de estados, neste tipo de conflitos o centro de gravidade é a população[19]. Para controlarem o território, os subversivos terão de a controlar. Este controlo pode ser feito através da sua cooperação ou como resultado de ameaças, de actos terroristas ou da ocupação do seu território. É assim apenas necessário, controlar as mentes e não os corações da população.

O desconhecimento dos membros e dos locais da resistência é o seu grande trunfo e desta forma torna-se extremamente importante a negação desta informação às forças oponentes. Uma outra vantagem do controlo da população é que, para além desta ser a fonte principal de recrutamento de novos membros, é também ela que suporta a causa.

A inaptidão dos governos de Kabul e de Bagdad em exercer um controlo efectivo sobre a população, tem tornado difícil obter a sua segurança física. Sem segurança, a população torna-se vulnerável à Al Qaeda e à sua coacção. Os inúmeros atentados às filas de candidatos às forças de segurança e forças armadas locais, tem também tornado difícil recrutar novos membros para as mesmas.

Quando as forças da contra subversão são maioritariamente constituídas por contingentes de países externos, como é o caso no Iraque e no Afeganistão, é possível à Al Qaeda explorar essa vulnerabilidade estratégica. Retirar a vontade das forças estrangeiras em permanecerem no território, na vigente situação de impasse do conflito, é o elemento chave. Quando falamos de regimes democráticos, como os ocidentais, esta vulnerabilidade é ainda mais explorável.

Nas próximas décadas, os movimentos subversivos no Iraque e no Afeganistão, não devem atingir a fase III da subversão, pois a superioridade militar da NATO e das forças da coligação é por demais evidente. Assim, apenas conseguirão obter sucesso sustentado quando convencerem a opinião pública dos países ocidentais e os seus líderes políticos que a guerra travada não compensa o esforço dispendido em mortes, feridos e dinheiro gasto. Então, o alvo da subversão é, não só a população nativa, mas também, a dos países que apoiam o regime vigente. É fácil perceber as semelhanças destas fases com a estratégia da Al Qaeda, a qual se infiltra nas comunidades muçulmanas migrantes em todo o mundo para, a partir daí, levar a instabilidade aos estados onde estas se estabeleceram.

SECÇÃO V – PERSPECTIVAS DE ACTUAÇÃO DA AL QAEDA[20]

Em 15 de Agosto de 2005, perto do 4º aniversário do 11 de Setembro, que colocou em guerra aberta o mundo ocidental e a Al Qaeda, um jornalista jordano Fouad Hussein, escreveu um artigo sobre a previsível Estratégia da Al Qaeda. Fouad Hussein teve como fonte principal Saif al-Adel, um comandante militar da Al Qaeda no activo, operando actualmente a partir do Irão. A estratégia da Al Qaeda pode ser dividida em 7 etapas, de 2000 a 2020. Como estado final desta estratégia, será alcançado um Califado global e a vitória definitiva será alcançada.

1. Primeira etapa

Esta etapa já foi executada e durou de 2000 a 2003, mais precisamente desde os ataques terroristas do 11 de Setembro de 2001, em Nova York e Washington, até à queda de Bagdad em 2003. O objectivo destes ataques foi o de levar os EUA a declararem guerra ao mundo islâmico e desta forma despertar os Muçulmanos para a causa. Hussein escreveu que esta fase foi classificada pelos estrategas da Al Qaeda como de estrondoso sucesso, pois a mensagem chegou a todo o mundo e os americanos e seus aliados tornaram-se alvos fáceis. Também para os analistas ocidentais a Al Qaeda teve sucesso nesta fase, pois tornou-se na organização terrorista mais conhecida e temida do planeta, sendo mesmo o rosto do terror no mundo ocidental. Todo e qualquer ataque terrorista, em qualquer parte do mundo é agora, suspeito de ser da autoria ou envolvimento da Al Qaeda.

Como previram os estrategas da Al Qaeda, os EUA conduziram a guerra ao mundo islâmico, no Afeganistão e depois no Iraque e, talvez num futuro muito próximo, ao Irão, devido à crise nuclear. O preço a pagar pela Al Qaeda, devido a esta estratégia, foi a perda dos santuários no Afeganistão.

2. Segunda etapa

3.

Segundo Hussein, é este o período no qual nos encontramos e estaremos até final do presente ano. Nesta etapa, os líderes pretendem manter a comunidade islâmica ciente da dita conspiração ocidental contra o seu mundo e tornar a causa mais popular. A Al Qaeda pretende passar de organização a movimento. A ênfase desta fase é o recrutamento de jovens. O Iraque tornou-se o centro das operações, com a implementação de um exército no terreno, e estabelecimento de bases de apoio noutros países árabes.

Até à presente data, a segunda fase foi um fracasso. O mundo islâmico não tem manifestado apoio à organização. É certo que temos assistido à entrada de algumas centenas de combatentes islamitas no Iraque, mas não nos podemos esquecer que durante a guerra que opôs a União Soviética ao Afeganistão, estes números ascenderam a dezenas de milhar. Os efectivos que a Al Qaeda tem conseguido recrutar, não têm sido suficientes para um total recompletamento das suas perdas, no Iraque e no Afeganistão.

Do ponto de vista ideológico, é determinante vencer esta etapa. Perder no Iraque, seria desastroso para a credibilidade da Al Qaeda e enfraqueceria a sua mística, pois Alá tê-los-ia abandonado às privações dos infiéis.

4. Terceira etapa

Esta fase deverá, previsivelmente, durar de 2007 a 2010. Será centrada na Síria, de acordo com Hussein e suas fontes. Os contingentes militares supostamente já estão preparados, sendo que alguns virão do Iraque. São esperados ataques na Turquia e em Israel. Os líderes da Al Qaeda acreditam que os ataques neste último país ajudariam a organização a ser mais credível e reconhecida. Segundo o jornalista, os países vizinhos do Iraque, como por exemplo a Jordânia, não estão a salvo do perigo.

5. Quarta etapa

Entre 2010 e 2013 a Al Qaeda irá fomentar o colapso dos governos árabes. O intuito é o de que a sua queda conduza a um crescimento da influência da Al Qaeda. Ao mesmo tempo, serão desenvolvidos ataques contra fornecedores petrolíferos e a economia americana será atingida com cyber terrorismo.

A terceira e quarta etapas podem ser condensadas. O potencial de crescimento da *Jihad* e a instabilidade dos vizinhos do Iraque, como a Turquia, a Síria, a Arábia Saudita, a Jordânia e o Kuwait, bem como Israel, realça a importância da sua vitória sobre os americanos, no Iraque. Este país, como estado falhado, irá providenciar a base para a criação de instabilidade nos países vizinhos. A Síria está a jogar um jogo muito perigoso ao deixar a Al Qaeda usar o seu território para conduzir operações no Iraque. Os *Jihadistas* estão a desenvolver contactos, redes e a obter recrutas, que podem mais tarde serem usados contra o regime de Bachar al Assad.[21]

Julga-se que a Al Qaeda já está no terreno a preparar a terceira e quarta fases. Existem registos de que procura fixar-se em Gaza para atacar Israel, e pensa-se que estâncias turísticas Turcas, incluindo cruzeiros, estão na sua mira. Países islâmicos têm sido alvo de inúmeros ataques da organização e a Arábia Saudita e o Paquistão estão em guerra aberta com a Al Qaeda há longos anos. As instalações petrolíferas sauditas têm sido um alvo preferencial dos ataques.

Os EUA não irão deixar que outro estado islâmico caia nas mãos da ideologia da Al Qaeda. A lição do 11 de Setembro de 2003 serve como lembrete do que aconteceu quando o Afeganistão se tornou num santuário e num estado de facto da Al Qaeda.

6. Quinta etapa

É este o ponto onde um estado islâmico ou califado pode ser declarado. Nesta etapa, entre 2013 e 2016, a influência do ocidente sobre o mundo islâmico será tão reduzida e Israel tão fraco, que não existirá resistência à criação do novo estado. A Al Qaeda espera que o mesmo traga uma nova ordem mundial.

7. Sexta etapa

Hussein acredita que a partir de 2016 existirá um período de total confrontação. Assim que o Califado for declarado, o exército islâmico irá instigar à luta entre os crentes e os não crentes, o que tantas vezes tem sido predito por Osama bin Laden.

8. Sétima etapa

Esta etapa é a final e é descrita como a vitória definitiva, estando completa por volta do ano de 2020, apesar da Guerra não durar mais de 2 anos. As etapas 5, 6 e 7 são meramente sonhos da Al Qaeda, enquanto não tiver sucesso com as etapas anteriores. Apesar do retrato de derrota feito pelos *media* no Iraque, o povo iraquiano está a combater a subversão, sendo que a retaguarda da Al Qaeda está reduzida à região de Anbar. A jóia da organização, o Afeganistão, caiu há cerca de 4 anos e a Al Qaeda e os aliados Talibãs não estão sequer perto de readquirir o controlo do território. Existem mesmo rumores de desavenças entre ambos, pois os últimos acreditam que a sua queda foi resultado da sua adesão à causa de Osama bin Laden.

Contudo, no caso dos EUA perderem a sua vontade de combater e continuarem a sua política de isolamento do mundo muçulmano, será inevitável um novo confronto com a Al Qaeda. A confrontação com o ocidente, bem como a possibilidade de um Califado armado nuclearmente, trará as potências militares ocidentais para a esfera do conflito. As operações militares actuais no Iraque, Afeganistão, no Corno de África, na Ásia Central e Sudeste e nas fronteiras das nações ocidentais são brandas, comparando com o que previsivelmente virá.

Para o autor do artigo[22], Bill Rogio, o ocidente terá basicamente duas opções:

- Efectuar uma *blitzkrieg* ao estilo do século XXI – uma mobilização completa dos seus meios militares com o respectivo arrastamento da parte islâmica, sem olhar à política e diplomacia.
- Guerra Nuclear

Ambas as campanhas terão como objectivo a eliminação da ameaça islâmica e as infra-estruturas muçulmanas, que permitiram o crescimento da ideologia da Al Qaeda.

SECÇÃO VI – CONCLUSÕES

A Al Qaeda é uma organização terrorista internacional que procura a subversão à escala Global, como bem tem demonstrado através dos ataques efectuados em quatro continentes.

Os seus objectivos revelam-se ambiciosos e de longo prazo, com metas intermédias bem calculadas, que concorrem para o objectivo final de estabelecimento do Califado, destruição do Ocidente e, em última análise, o reconhecimento internacional.

Esta organização tem-se socorrido de todas as técnicas características da Guerra Subversiva, percorrendo as fases descritas na doutrina Portuguesa, como facilmente se percebe da análise da matriz em Anexo B e onde se comparam as acções da Al Qaeda com as actividades esperadas em cada fase. O facto de se estender à escala global e, não apenas nacional ou regional, representa a grande excepção a esta clássica abordagem.

Se analisarmos, então, as 5 fases que constituem os dois períodos identificados pelo General Abel Cabral Couto podemos inferir:

- Na fase I – Preparação, assistimos à transição das forças árabes anti-soviéticas, no conflito do Afeganistão, para a organização que hoje conhecemos e o início das suas acções de propaganda, tentando angariar simpatizantes e apoios para a sua nova causa.
- No período que se seguiu, a Al Qaeda dedicou-se ao estabelecimento e expansão da sua rede em mais de 60 países, consolidação financeira (legal e ilegal) e angariação de apoios importantes de estados como o Iémen, o Iraque, a Síria, o Afeganistão, etc, propaganda anti-ocidental e exacerbação do ódio anti-semita, ilustrando bem as etapas da fase II – Agitação.
- Ao que tudo indica, a fase III – Fase Armada, começou com os primeiros atentados espectaculares e está em curso no Iraque, onde se podem observar as etapas clássicas desta fase. A organização consegue pontualmente dominar pequenos territórios, tem a capacidade de efectuar pequenos combates com recurso a forças irregulares, controla parte da população e exerce um enorme esforço de propaganda divulgando vídeos de atentados, execução de reféns, mensagens dos seus líderes e apelos à insurreição.

Podemos, então, afirmar que a Al Qaeda conseguiu já alcançar a fase III – Período Insurreccional e ambiciona, a curto prazo, passar à fase IV – Estado Revolucionário, através do controlo de um dos países da região Árábica, primeiro passo para o início do estabelecimento do Califado. A fase V – Final, segundo a programação apresentada na Secção V, será atingida em 2020, com a derrota do mundo Ocidental e o estabelecimento de uma nova Ordem Mundial completando-se a Matriz da Guerra Subversiva.

Bibliografia:

ABREU, Francisco – *Estratégia – O Grande Debate – Sun Tzu e Clausewitz*. Lisboa, Edições Colibri, Coleção Horizontes da Polis, Novembro de 2000.

ALMEIDA, Eugénio Costa – *Fundamentalismo Islâmico – A Ideologia e o Estado*. Azeitão, Autonomia 27, Dezembro de 2003.

BLANK, Stephen J. - *Conflict, Culture and History* - University Press, 1993

BRISSARD, J.C. – *Terrorism Financing*, UN 2002

COUTO, Abel Cabral – *Elementos de Estratégia, Volume I* - Lisboa, Instituto de Altos Estudos Militares, 1988.

COUTO, Abel Cabral – *Elementos de Estratégia, Volume II* - Lisboa, Instituto de Altos Estudos Militares, 1989.

FM 100 – 20, Military Operations in Low Intensity Conflict, Headquarters Departments of the Army and Air Force Washington, DC, 12/05/1990

GIAP, Vo Nguyen – *Manual de Estratégia Subversiva* - Edições Sílabo, 2005

JACQUARD, Roland – *Osama Bin Laden - A Estratégia do Terror*. Lisboa, Editora Livros do Brasil, 1ª Edição, Outubro de 2001.

MAGYAR, Karl P. - *Global Security Concerns* - Air University Press, 1996

MORRIS, LtCol Michael F. - *Al Qaeda as insurgency* - Joint Force Quarterly 39, Washington DC, 2005

PAPE, Robert A. - *Dying to Win* - Random House, 2005

RASHID, Ahmed, - *Jihad: The Rise of Militant Islam in Central Asia* - Yale University PR, Jan 2002

SANTOS, Loureiro dos – *A Idade Imperial – A Nova Era – Reflexões sobre Estratégia III*. Mem Martins, 4ª Edição, Publicações Europa América, Fevereiro de 2003.

SANTOS, Loureiro dos – *Convulsões – Ano III da «Guerra» ao Terrorismo – Reflexões sobre Estratégia IV*. Mem Martins, Publicações Europa América, Abril de 2004.

TORRES, Adelino – *Terrorismo: o apocalipse da Razão?* - in TERRORISMO, Almedina, Coimbra, 2004

TZU, Sun – *A Arte da Guerra – Texto Integral*. Mira Sintra – Mem Martins, Publicações Europa-América LDA, Edição 40867/3465.

ZUHUR, Sharifa, - *A hundred Osamas: Islamist Threats and the future of counter-insurgency*, Strategic Studies Institute, Carlisle, Dez 2005

Sítios na Internet (consultados entre Abril e Junho de 2006):

http://billroggio.com/archives/2005/08/the_seven_phase.php

<http://counterterror.typepad.com/about.html>

<http://globalguerrillas.typepad.com/globalguerrillas/>

<http://tigerhawk.blogspot.com/2006/05/uss-new-york.html>

<http://www.airpower.maxwell.af.mil/airchronicles/cc.html>

<http://www.airpower.maxwell.af.mil/apjinternational/apj-s/2trimes04/lacyeng.html>

<http://www.bbc.co.uk/home/i/>

<http://www.cbsnews.com/stories/2004/03/26/terror/main608862.shtml>

<http://www.cia.gov/>

<http://www.csbaonline.org/4Publications/Archive/B.20040602.NatofInsurge/B.20040602.NatofInsurge.pdf>

<http://www.dawn.com/copyright.htm>

<http://www.defendamerica.mil/>

<http://www.fas.org/irp/world/para/manualpart1.html>

<http://www.fathom.com/course/21701721/session2.html>

<http://www.jamestown.org/terrorism/news/article.php?articleid=2369842>

<http://www.meforum.org/docs/cat/45>

<http://www.rand.org/>

<http://www.revistamilitar.pt/>

http://www.usma.edu/dmi/IWmsgs/doctrinal_template_3of3.pdf

http://www.washingtonpost.com/wpdyn/content/article/2006/02/24/AR2006022401639_pf.html

[1] <http://www.airpower.maxwell.af.mil/airchronicles/cc/lacy.html>

[2] FM 100 – 20, Military Operations in Low Intensity Conflict, Headquarters Departments of the Army and Air Force Washington, DC, 12/05/1990, Chapter 2

[3] FM 100 – 20, Military Operations in Low Intensity Conflict, Headquarters Departments of the Army and Air Force Washington, DC, 12/05/1990, Chapter 2

[4] http://www.usma.edu/dmi/IWmsgs/doctrinal_template_3of3.pdf

[5] Latent and incipient

[6] Guerrilla warfare

[7] MORRIS, LtCol Michael F., “Al Qaeda as insurgency”, Joint Force Quarterly 39, 2005

[8] <http://www.Biblioteca – Geografia>

[9] MORRIS, LtCol Michael F., “Al Qaeda as insurgency”, Joint Force Quarterly 39, 2005

[10] War of movement

[11] GIAP, Vo Nguyen, “Manual de Estratégia Subversiva”, Edições Sílabo, Lisboa, 2005

[12] http://www.usma.edu/dmi/IWmsgs/doctrinal_template_3of3.pdf

[13] MORRIS, LtCol Michael F., “Al Qaeda as insurgency”, Joint Force Quarterly 39, 2005

[14] RASHID, Ahmed, “Jihad: The Rise of Militant Islam in Central Asia”, Yale University PR, Jan 2002

[15] <http://www.airpower.maxwell.af.mil/apjinternational/apj-s/2trimes04/lacyeng.html>

[16] Idem

[17] <http://www.csbaonline.org/4Publications/Archive/B.20040602.Natoflnsurge/B.20040602.Natoflnsurge.pdf>

[18] Idem

[19] http://billroggio.com/archives/2005/08/the_seven_phase.php

[20] De referir que em 21 de Julho de 2003 o Presidente George W. Bush (EUA) acusou o Irão e Síria de patrocinar o terrorismo. Em 24 de Maio de 2005 a Síria anuncia o corte de cooperação militar com os Estados Unidos e 4 dias mais tarde a Síria realiza testes com mísseis Scud. Em 29 de Março de 2005 a Síria anuncia a retirada total de seus soldados no Líbano. Em Maio de 2005 a retirada estava terminada.

[21] http://billroggio.com/archives/2005/08/the_seven_phase.php

[22] http://billroggio.com/archives/2005/08/the_seven_phase.php

81 TEXTOS RELACIONADOS:

2012/07/27

O TERRORISMO JIHADISTA NA EUROPA: ALGUMAS TENDÊNCIAS SOBRE RADICALIZAÇÃO E RECRUTAMENTO[1]

Francisco Jorge Gonçalves[2]

2012/02/03

CLAUSEWITZ'S PARADOXICAL TRINITY AND THE FAILURE OF NAPOLEON IN PORTUGAL

Luís Falcão Escorega[1]

2011/11/07

OS DESAFIOS ACTUAIS ÀS INFORMAÇÕES MILITARES

Rui Vieira[1]

2011/05/16

CONTRIBUTOS DO PODER AÉREO EM OPERAÇÕES DE ESTABILIZAÇÃO, SEGURANÇA, TRANSIÇÃO E RECONSTRUÇÃO (II PARTE)

João Nunes Vicente[1]

2011/05/15

CONTRIBUTOS DO PODER AÉREO EM OPERAÇÕES DE ESTABILIZAÇÃO, SEGURANÇA, TRANSIÇÃO E RECONSTRUÇÃO (I PARTE)

João Paulo Nunes Vicente[1]

2011/05/11

A MORTE DE BIN LADEN E O FUTURO DA AL QAEDA

Alexandre Reis Rodrigues

2010/12/12

AINDA OS BLINDADOS E O PORQUÊ DAS COISAS

João José Brandão Ferreira

2010/02/19

TOWARDS A HOLISTIC VIEW OF WARFARE

João Vicente[1]

2010/02/16

DAS “NOVAS CRISES”: BREVES CONTRIBUTOS PARA A SUA CLARIFICAÇÃO CONCEPTUAL

Luís Falcão Escorrega[1]

2008/12/10

CRIME ORGANIZADO E TERRORISMO NO SAHEL

José Vale Faria[1]

2008/11/05

NA PROCURA DO ALVO: A UTILIDADE DA FORÇA

Pedro Brito Teixeira[1]

2008/10/10

OS TALIBÃS DE VOLTA A CABUL

Alexandre Reis Rodrigues

2008/09/27

TENDÊNCIAS DO TERRORISMO JIHADISTA, SETE ANOS APÓS O 11 DE SETEMBRO

José Vale Faria[1]

2008/06/29

O TERRORISMO NO PERU E A UNIÃO EUROPEIA

Marcelo Rech[1] (Brasil)

2008/06/05

ISLAMISMO RADICAL E JIHADISMO EM MARROCOS (I PARTE)

José Vale Faria

2008/06/05

ISLAMISMO RADICAL E JIHADISMO EM MARROCOS (II PARTE)

José Vale Faria

2008/05/09

A AMEAÇA CINZENTA (II PARTE)[1]

José Vegar[2]

2008/05/08

A AMEAÇA CINZENTA (I PARTE)[1]

José Vegar[2]

2008/04/02

A RELEVÂNCIA ESTRATÉGICA DO PODER AÉREO NUMA APROXIMAÇÃO ÀS OPERAÇÕES BASEADA EM EFEITOS[1] (PARTE II)

João Vicente

2008/04/01

A RELEVÂNCIA ESTRATÉGICA DO PODER AÉREO NUMA APROXIMAÇÃO ÀS OPERAÇÕES BASEADA EM EFEITOS[1] (PARTE I)

João Vicente

2008/03/28

HISTÓRIA CONCISA DO TERRORISMO – PARTE III

José Vale Faria[1]

2008/03/27

HISTÓRIA CONCISA DO TERRORISMO – PARTE II

José Vale Faria[1]

2008/03/26

HISTÓRIA CONCISA DO TERRORISMO – PARTE I

José Vale Faria[1]

2008/02/07

O TERRORISMO SUICIDA FEMININO: O CASO DOS TIGRES TAMIL

Daniela Siqueira Gomes [1]

2007/12/16

PARA ALÉM DA GUERRA[1]

Sandro Mendonça[2]

2007/11/11

WAR IN THE XXI CENTURY[1]

Francisco Proença Garcia

2007/09/11

FARC: TERRORISMO, BRAVATAS E MUITO DINHEIRO

Marcelo Rech[1]

2007/08/23

PAQUISTÃO: ESCOLHAS DIFÍCEIS

Alexandre Reis Rodrigues

2007/08/03

O CÓDIGO DO SILÊNCIO

Alexandre Reis Rodrigues

2007/07/04

TERRORISMO EM LONDRES: SERVIÇOS SECRETOS EM ALERTA[1]

Fábio Pereira Ribeiro[2]

2007/06/18

DE COMO OPINAR COM CREDIBILIDADE ACERCA DAS FORÇAS ARMADAS. CONSIDERAÇÕES FINAIS

João Pires Neves[1]

2007/06/11

AS FORÇAS ARMADAS E OS “RECURSOS”. OS RECURSOS FINANCEIROS, OS NÚMEROS E O SEU SIGNIFICADO. (2ª PARTE) (I-A)

João Pires Neves[1]

2007/06/04

AS FORÇAS ARMADAS E OS “RECURSOS”. OS RECURSOS FINANCEIROS, OS NÚMEROS E O SEU SIGNIFICADO.

João Pires Neves[1]

2007/05/30

OPERAÇÕES EM REDE. CONTRIBUTOS PARA O SEU ESTUDO[1]

João Nunes Vicente [2]

2007/05/28

AS FORÇAS ARMADAS E OS “RECURSOS”. OS RECURSOS HUMANOS E A FORMAÇÃO” (IV)

João Pires Neves[1]

2007/05/20

AS FORÇAS ARMADAS E OS “RECURSOS”. OS RECURSOS HUMANOS E A MOTIVAÇÃO (III)

João Pires Neves[1]

2007/05/18

GUERRA SUBVERSIVA NA WEB 2.0

Nuno Perry Gomes

2007/05/14

AS FORÇAS ARMADAS E OS “RECURSOS”. OS RECURSOS HUMANOS E OS QUADROS DE PESSOAL (II)

João Pires Neves[1]

2007/05/11

BRASIL E O CINISMO DAS FARCS[2]

Marcelo Rech[1]

2007/05/07

AS FORÇAS ARMADAS E OS “RECURSOS”. OS RECURSOS HUMANOS E AS NECESSIDADES ORGANIZACIONAIS (I)

João Pires Neves[1]

2007/04/30

AS FORÇAS ARMADAS E A “ORGANIZAÇÃO”. A COMPONENTE FIXA E A REESTRUTURAÇÃO DAS FORÇAS ARMADAS (3ª PARTE) (VI-B)

João Pires Neves[1]

2007/04/20

AS FORÇAS ARMADAS E A “ORGANIZAÇÃO”. A COMPONENTE FIXA E A REESTRUTURAÇÃO DAS FORÇAS ARMADAS (2ª PARTE) (VI-A)

João Pires Neves[1]

2007/04/16

AS FORÇAS ARMADAS E A “ORGANIZAÇÃO”. A COMPONENTE FIXA E A REESTRUTURAÇÃO DAS FORÇAS ARMADAS (1ª PARTE) (VI)

João Pires Neves[1]

2007/04/09

AS FORÇAS ARMADAS E A “ORGANIZAÇÃO”. O SFN E A PROGRAMAÇÃO MILITAR [V-A]

João Pires Neves[1]

2007/04/02

AS FORÇAS ARMADAS E A “ORGANIZAÇÃO”. O SFN E A PROGRAMAÇÃO MILITAR (V)

João Pires Neves[1]

2007/03/26

AS FORÇAS ARMADAS E A “ORGANIZAÇÃO”. O SISTEMA DE FORÇAS (1997), O 11 DE SETEMBRO DE 2001 E O SISTEMA DE FORÇAS (2004) (IV)

Autor: João Pires Neves[1]

2007/03/19

AS FORÇAS ARMADAS E A “ORGANIZAÇÃO”. O SISTEMA DE FORÇAS E A SUA ESTRUTURA ORGANIZATIVA (2ª PARTE) (III.A)

João Pires Neves[1]

2007/03/12

AS FORÇAS ARMADAS E A “ORGANIZAÇÃO”. O SISTEMA DE FORÇAS E A SUA ESTRUTURA ORGANIZATIVA (1ª PARTE) (III)

João Pires Neves[1]

2007/03/06

AS FORÇAS ARMADAS E A “ORGANIZAÇÃO”. O SISTEMA DE FORÇAS NACIONAL, O PLANEAMENTO E AS SENSIBILIDADES (II)

João Pires Neves[1]

2007/02/27

AS FORÇAS ARMADAS E A ”ORGANIZAÇÃO”. O SISTEMA DE FORÇAS. A GRANDE REFERÊNCIA. (I)

João Pires Neves[1]

2007/02/23

COMO PODE SER CARACTERIZADA A ACÇÃO DA AL QAEDA NA MATRIZ DA GUERRA SUBVERSIVA (I PARTE)

Serrano, Custódio, Valente, Leal e Alves

2007/02/21

REPÓRTERES DE GUERRA. FORMAÇÃO[1]

Paulo Sales Grade

2007/02/16

AS FORÇAS ARMADAS E O “AMBIENTE NACIONAL” (II)

João Pires Neves[1]

2007/02/12

AS FORÇAS ARMADAS E O AMBIENTE INTERNACIONAL (I)

João Pires Neves[1]

2007/02/07

O TERRORISMO TRANSNACIONAL – CONTRIBUTOS PARA O ENTENDIMENTO DA SUA ESTRUTURA, RECRUTAMENTO E FINANCIAMENTO. (II PARTE)

Francisco Proença Garcia

2007/02/06

O TERRORISMO TRANSNACIONAL – CONTRIBUTOS PARA O ENTENDIMENTO DA SUA ESTRUTURA, RECRUTAMENTO E FINANCIAMENTO. (I PARTE)

Francisco Proença Garcia[1]

2007/02/05

AS FORÇAS ARMADAS – A “FINALIDADE E A MISSÃO”

João Pires Neves[1]

2007/02/04

OPERAÇÕES BASEADAS EM EFEITOS: O PARADIGMA DA GUERRA DO SÉCULO XXI[2]

João Vicente[1]

2007/01/29

DE COMO OPINAR COM CREDIBILIDADE ACERCA DAS FORÇAS ARMADAS

João Pires Neves[1]

2007/01/15

TERRORISMO[1]

Luís Sousa Leal

2006/11/23

LAS GUERRAS QUE NOS VIENEN

Miguel Fernández y Fernández [1]

2006/10/26

O DIREITO À GUERRA JUSTA[2]

João Vicente[1]

2006/10/22

TENDÊNCIAS DAS COMPONENTES TERRESTRES DAS FORÇAS ARMADAS

Miguel Moreira Freire

2006/10/19

A UTILIDADE DA FORÇA. A ARTE DA GUERRA NO MUNDO MODERNO[1]

Miguel Moreira Freire

2006/07/30

LA OTAN Y LA TRANSFORMACION[1]

Miguel Fernández y Fernández (Alm. da Marinha de Espanha)

2006/05/25

FORMACION Y TRANSFORMACION MILITAR

Miguel Fernández y Fernández[1]

2006/05/04

OS VOOS SECRETOS E A TORTURA NAS PRISÕES DA CIA

Marcelo Rech[1]

2006/01/17

O EMPREGO DO PODER NAVAL NO SÉCULO XXI

Alexandre Reis Rodrigues

2005/10/21

TERRORISMO. ALGUMAS NOTAS SOLTAS

Alexandre Reis Rodrigues

2005/09/09

A ACTUALIDADE DE FUKUYAMA E HUNTINGTON

Pedro Carvalho

2005/09/02

MILITARY POWER

Alexandre Reis Rodrigues

2005/08/01

OS ATENTADOS DE LONDRES (III)

Alexandre Reis Rodrigues

2005/07/22

OS ATENTADOS DE LONDRES (II)

Alexandre Reis Rodrigues

2005/07/10

OS ATENTADOS EM LONDRES

Alexandre Reis Rodrigues

2005/01/11

AS VITÓRIAS DA ALCAIDA

António Borges de Carvalho

2004/12/14

PORQUE É QUE O OCIDENTE ESTÁ A PERDER A GUERRA CONTRA O TERRORISMO

Alexandre Reis Rodrigues

2004/07/21

A IMPORTÂNCIA DE UMA DEFINIÇÃO DE TERRORISMO

Ana Manuel Ferreira Malheiro de Magalhães

2004/04/23

CONTRIBUTOS PARA O EMPREGO DO BATALHÃO DE INFANTARIA NA LUTA CONTRA-SUBVERSIVA ACTUAL

Francisco Proença Martins com ...

2004/04/04

DISSUAÇÃO OU PREVENÇÃO?

Alexandre Reis Rodrigues

2004/02/28

A GUERRA GLOBAL DOS EUA CONTRA O TERRORISMO

Alexandre Reis Rodrigues

2003/09/22

O NOVO TERRORISMO

ES